

A FRONTEIRA E O FORO (*)

(Alguns apontamentos sobre o conceito de Fronteira e o papel do Advogado na vida social)

pelo Dr. Miranda Mendes

RAZÃO DE SER

1

Homens de nacionalidades diferentes, alguns fazendo parte de uma *união* internacional, juntam-se para falar uns com os outros e tratar de interesses comuns.

Distingue-os a nacionalidade; *une-os* a qualidade de advogados.

Vejamos se, para além dessa qualidade, outra mais funda e mais forte os pode aproximar; e se não é incompatível com a profissão, antes assinala o seu ponto cimeiro.

(*) Comunicação para o Congresso Internacional dos Advogados, em Madrid, Setembro, 1973.

2

Parece incontestável que há no mundo muitas linhas de separação: nas terras, nos mares, nos interesses, nas paixões.

Mesmo o homem tem-nas dentro de si, às vezes sem dar por isso: extremam o que deve ou não deve fazer, o que ele reserva no seu foro íntimo e o que destina, verdadeiro ou não, para os outros.

É evidente a sua existência. Aqui mesmo se congregam homens que falam línguas diversas, representam culturas próprias, com tendência e caracteres bem definidos.

Pela via de uma troca de ideias e sua apreciação, busca-se *o que eventualmente há de comum entre eles* e possa transparecer num ideal de todos, com expressão numa prática também de todos.

Admite-se deste modo um plano em que o pensar de uns e outros se aproxime, corrija, esclareça, complete, volvendo-se na expressão humana, clara e una, de um conjunto diferenciado todavia em tantos pontos.

Alguma coisa os conduz: será o desejo de ver mais nitidamente as relações entre os homens e os povos, de maneira a torná-los mais conscientes?

Não querendo chamar-lhe *ideal* — chame-se-lhe *propósito*.

É algo a conter, implícita e latente, a percepção de que há linhas de separação transponíveis, ajustáveis, visando possivelmente eliminar uma aparência material ou virtual de oposição, para as olhar no íntimo de cada um com solidariedade e compreensão sugeridas por conveniência e cultura — impostas pelo egoísmo fundamental do homem?

3

Somos peregrinos na vida, amando-a, servindo-a — querendo conservá-la.

Na passagem fatal, inexorável, procuramos compreender o mais possível, a fim de a tornar o mais possível bela, mau

grado essas linhas de separação que existem no espaço, naturais, e no tempo, inevitáveis. Vêm-se nos horizontes, limitando terras e mares; no dia e noite, marcando horas de luz e de negrume.

Mas apesar delas e para além delas a vida prossegue numa continuidade que vence os acidentes da individualização. O homem morre, a árvore seca, o dia passa, a noite amanhece, as paixões extinguem-se, as destruições reparam-se ouvolvem-se em espírito a florescer — e a vida, na corrente sem princípio nem fim aparentes, prossegue. O homem apercebe-se, precisa de segurança e tem inquietação ou medo.

Interroga. Quer manter em si a continuidade que o anima como ser, mas que terminará como indivíduo.

Sente-se numa *corrente* que o antecede, e pressente que, chegada a hora, sairá dela como pessoa.

Procura a sugestão ou a certeza de sobreviver, e ansiosamente luta pelas constantes, pelo que há de imanente e de perene à sua volta; empenha-se na satisfação dos desejos, dos anseios e interesses.

Figura-se-lhe viver entre dois polos permanentes: o seu egoísmo, que o leva a querer para si o que lhe apetece; e o da precisão de conjugar esse egoísmo, ainda por força dele, com o doutras pessoas ou com elementos superiores à sua vontade, para encontrar estabilidade e segurança, ou a ilusão de viver feliz.

Daí o combinar voluntária ou forçadamente o seu interesse com o alheio, de forma a tirar vantagem dessa equação. E surge-lhe, clara ou esbatida, a demarcação, embora flutuando ao sabor dos tempos, dos costumes, das transformações por que vão passando as coisas e as pessoas.

A qual será imanente *linha natural*, continente, propulsora e mantenedora da continuidade entre os homens, nas suas relações de homem para homem, entre os povos, no seu confronto

de povo para povo — exprime-a o Direito. No que respeita a valores espirituais do homem e dos povos, na consagração das regras de viver, como esperança de uma *permanência* na memória dos que ficam ou na bem-aventurança de um Além — define-a a moral.

No mundo exterior separa ou conjuga o próprio e o alheio; no mundo interior delimita o que deve e o que não deve ser. Ali, imposta, aqui aceite, por medo talvez.

4

Em sentido lato, as demarcações podem submeter-se a mandos vários de conveniências ou inerências reconhecidas. Nas relações sociais e económicas, nas línguas que os povos falam, nas religiões que professam, nos ideais que os animam, nos propósitos que os movem, em preferências no domínio da arte ou das letras, nas raças que os caracterizam, nas diversas posições do homem perante a vida; elas distinguem o indivíduo do indivíduo, o grupo do grupo, os povos dos povos, os crentes, os ideólogos, as diversas figurações humanas de cor, caracteres somáticos e cultura.

Onde quer que se encontrem, os homens reconhecem-nas e podem *senti-las* como diferenciação ou apenas como diferença. Essas linhas que separam ou apontam diversidades numa escala de valores inerentes ao ser humano, e dos quais ele não abdica, *porque não pode*, como não pode livrar-se do esqueleto ou da própria pele — são as fronteiras da vida, chamemos-lhe assim.

5

Mas isto não importa fatalmente aceitação da sua intransponibilidade, pois virá a encarar a precisão de vencer limites que o aflijam, estreitezas que o prejudiquem, torpor ao seu

andamento, entaves ao sonho, empecilhos a uma latente solidariedade humana que, mau grado o egoísmo básico, liga o bicho ao bicho nas ocasiões de perigo ou interesse comuns. Pressente e virá a reconhecer que há uma unidade que precede as diferenciações, mesmo dos sexos, imanente nos idiomas, em regras fundamentais de convivência ou agrupamento, face ao mistério da vida e da morte. Impõe-se-lhe a evidência de que a unidade primeira do ser, diferenciada nos sexos, volve-se *união*, para perpetuar a espécie — *para continuar a vida*. Amor ou instinto, conveniência ou mera necessidade física, mas a conjugação verifica-se. (Não a contraria a homossexualidade, porquanto ainda é *uma busca*, embora transviada e, como tal, reprovada por contrária à lei natural da *união* para prosseguir em *unidade*).

6

Também na linguagem pode encontrar-se a tendência para vencer barreiras, quer na disseminação do conhecimento dos idiomas, quer no estudo aprofundado da semântica, procurando encontrar-se uma raiz comum para expressões diversas do mesmo objecto de comunicação. Chomski nota que «a linguagem é determinada pela estrutura da mente e que a universalidade de certas propriedades características da linguagem provam que ao menos esta parte da natureza humana é comum a todos os membros da espécie, não obstante a sua raça ou classe e as indubitáveis diferenças na inteligência, personalidade ou atributos físicos».

7

No plano económico, além da tendência acentuada para agrupamento nas várias formas de associação de homens ou pessoas (Mercado Comum, sociedades, empresas, consórcios, etc.), observa-se, com hesitação às vezes, mas também com desassombro noutras, que a política económica terá de orientar-se no sentido de um perfeito entendimento necessário à sobrevi-

vência de todos. «Ce que je tiens à souligner une nouvelle fois, c'est qu'il ne faut pas négliger les aspects techniques du problème monétaire international, celui-ci ne sera réglé que par un grand dessein politique capable de nous acheminer vers une Communauté européenne — même provisoirement réduite — *et vers une Communauté internationale authentique*. La monnaie, c'est toujours le signe d'une communauté et donc d'une solidarité». Edgar Faure põe deste modo o problema monetário internacional e visiona a solução *atinente* a uma transposição de limitações que leva a satisfazer as necessidades do nosso tempo.

8

Nunca, talvez como hoje, se tornou mais viva a precisão de comunicar.

É certo que os meios para isso atingiram extraordinário desenvolvimento, vencendo barreiras, distâncias, oposições naturais ou sociais, e tornando-se a audio-visualidade tão importante que leva Vintila Horia a entrever o início de uma nova era, *da oralidade*, e o fim da de Gutemberg, *da palavra escrita*.

Assim, a distinção entre o longe e o perto, entre o meu e o teu, entre o nacional e o estrangeiro, esbate-se, desaparece mesmo porque onde não chega o entendimento da palavra vai a imagem substituí-la.

Por outro lado, a prática dos desportos, mesmo com as paixões e clubismos que desperta, conduz insensivelmente à aceitação, consciente ou inconsciente, de que as competições físicas — no dizer de Platão — constituem excelente sucedâneo para a emulação que divide os homens, satisfazendo o seu instinto de combate.

Aqui também se nota um *regresso à unidade* de valor humano, do entendimento na luta, espectacularmente consagrado, por exemplo, nas Olimpíadas.

9

E se olharmos à fulgurante expansão do gosto pelas canções, em que os aedos ou bardos de outrora, como enlevados mensageiros de esperança e de amor, se volvem em delirantes cultores da fremência do instinto e da liberdade plena de inspiração e expressão, se considerarmos esses moços que embriagam e exaltam a juventude até ao paroxismo, não será difícil encontrar um anseio de comunicação universal na comunhão de andamentos como expressão, próxima ou distante, do ritmo vital. Não deverá esquecer-se o movimento dos «hippies» com a sua intuição de um novo conceito de vida em que a *duração dará lugar à intensidade*: não interessa o tempo, vale a profundidade e extensão do sentir. Será ainda uma *transposição* de limitações, arredando as conveniências morais ou sociais, as linhas entre o que *tem sido* e o que *deverá ser*?

10

As diligências para o ecumenismo, no plano religioso; a visita de Paulo VI a povos que nada têm a ver com o catolicismo; a fala do mesmo Papa na ONU a favor da concórdia entre os homens, e tantas outras manifestações ocorridas no âmbito das religiões, poderão significar, para além de propósitos de auto-valorização, o ânimo de buscar aquela unidade essencial ou ideica, referida por Husserll, que tanto influenciou Yung na Psicologia e Eisenberg na Física e na Cibernética. Em que os valores sem passado e sem tempo vêm ao de cima para esclarecer e orientar, na medida ao alcance do homem.

Estaremos longe da concepção do Espaço e do Tempo, como substância (a abranger o Universo, o Uno, Deus), fluente do pensamento de Minkowski e Alexander?

11

Tem particular importância o que se faz para destruir as barreiras étnicas ou raciais, ainda há pouco tão altas em alguns países. Mau grado as perturbações e ressentimentos que ainda provocam, vislumbra-se num futuro talvez próximo a acalmia para além de diferenças de cor ou somáticas, sendo de lembrar aquela *morenidade*, como lição e exemplo de entendimento, tão querida de Gilberto Freire e não engeitada por Toynbee, segundo o qual, *depois de Cristo nenhum povo fez mais pela humanidade que o português.*

12

Este breve panorama das linhas de separação feito sem o propósito de tudo abranger mas tão somente com o de exemplificar, parece confirmar as duas feições da vida do homem: como animal egoísta ele pretende o mais possível para si; como animal dotado de razão, ele reconhece a necessidade de conjugar o seu interesse com o alheio.

E aponta dois caminhos: o da força, para impôr a sua conveniência ao mais fraco; o da compreensão, para considerar as vantagens e desvantagens do emprego dela, e dos perigos que esse emprego traz consigo.

Por outro lado, não é de repelir que o próprio comando da vida, evidente no instinto de conservação e a afirmar-se no princípio da continuidade, encontre uma identidade profunda entre os seres humanos, levando-nos, talvez inconscientemente, a sentir o que há de comum entre eles, e a considerar, como o seu próprio, o impulso vital do semelhante, fluente da mesma *fonte* e integrado na mesma *corrente*.

Todos da mesma *água*, irmana-os a *qualidade humana*, dotada de consciência. (Note-se que mesmo a antropofagia conterá, em princípio, o desejo de apropriação do *espírito* da vítima, uma espécie de comunhão). Assim sendo, não custa admi-

tir que, talvez mais distante na raiz do ser do que o *contrato social* de Rousseau (com o seu quê de objectividade e não apenas utopia), se pressinta um *entendimento latente*, fatal, do homem com o homem, inerente à *sua qualidade*, a razões de sobrevivência — ao seu egoísmo.

Poderá objectar-se que não é isso o que se vê na História e, de certo modo, nos passos da vida de hoje.

Através dos tempos, as lutas, os crimes, as opressões, as denegações e violências formam caudal. E o «homo hominis lupus» não deixa de figurar a todo o instante na Política, na Arte, no romance, na vida social, aqui triunfador, além repudiado, mas temido.

Todavia é de observar que houve *sempre* forte reacção contra o *lobo*, opondo-se-lhe a razão da justiça, da moral, da fé — ou da força, quando precisa. Também um imanente sentido de equilíbrio e da realidade, para além e acima dos transitórios triunfos sem justiça, transparece no anseio e na percepção de valores que os ultrapassam. Enquanto uns vão perder-se no tempo (ficando quando muito a execração da sua lembrança), outros esplendem na florescência imarcessível das Artes, da Ciência, da Filosofia, do Heroísmo, do Martírio — naquilo que desperta no homem a dignidade e o orgulho de ser.

ESBOÇO DO CONCEITO DE FRONTEIRA

1

Fronteira será, em sentido restrito, uma linha limite que separa dois países.

Tornando mais extensa a ideia, poderá considerar-se como linha de separação material ou ideal que serve a extremar um povo de outro ou outros.

Há, assim, um factor material de limitação, com seus marcos ou sinais na terra, ou a sua medida referida a pontos fir-

mes ou convencionais nas águas e nos mares. Antes do mais é um valor geográfico a distinguir dois pedaços de terra ou mar. Fortificada ou não, policiada ou não, com ou sem reservas fiscais, é uma demarcação de dois espaços, procurando ajustar-se a um complexo de valores étnicos, culturais, linguísticos, económicos ou mesmo religiosos, dos povos que vivem de um lado e do outro.

2

Se esta linha de separação foi incerta e vaga durante os séculos, exposta às contingências da força ou do interesse dominador, ela veio a consolidar-se por via mesmo dessas contingências e ajustamentos, foi-se fazendo e firmando, robustecida pelas armas e outros meios de defesa ou ataque. A feição mais evidente de fronteira geográfica parece a militar, aquela em que mais avulta o propósito de a manter contra a invasão ou a ofensa.

3

Também a economia e a finança condicionam fortemente a existência da fronteira, obedecendo à vontade de preservar de concorrências ou escoamento os valores comerciais ou monetários de um país.

4

A língua vem diferenciar com a sua dimensão de cultura e arte, procurando assegurar, com a pureza e genuinidade da expressão, o que há de característico num povo, vivificando e clarificando o que o distingue.

Erege assim uma personalidade definida, com seu património espiritual correspondente a uma certa posição perante a vida, traduzida em actos, celebrada e sublimada em afirmações de humanidade.

REGRESSO À UNIDADE?

1

O homem tenta aproximar-se do seu universo, realizando o que já dos gregos vinha como aspiração e comando, e atingiu em nossos dias sentido impressionante com Husserll, Yung, Bohr e, noutros planos, com Heidegger, Marcuse, Einstein, Minkowski. Talvez regresse à extrapolação platónica: o estado ideal de aceitação pelo conhecimento da reversão de tudo a uma ideia comum, valorizando devidamente o diferenciável e contingente.

Pela fé, por medo, por instinto de conservação e esperança aceitará Deus, com esse nome ou com outro qualquer. É um imperativo biológico: vive, quer continuar a desvendar o mistério que o cerca. Tem de reconhecer, como observa Yung, que a própria Física entrou na zona do invisível e imponderável, aventurando-se na *complementariedade* referida por Monod e Bohr.

2

O isolamento deixou de ser possível: é a rádio, o telefone, a electrónica; são os satélites, e tantos outros meios de espiar, a perturbar e a negar o segredo da existência.

Cada um está no mundo e não é senhor do seu ambiente. Devassa e é devassado. Mesmo o seu íntimo é prescrutado pela radiografia, pelas máquinas de medir, testes, lavagens ao cérebro, soro da verdade, hipnotismo e tantos outros meios de desvendar a natureza física ou espiritual. O que dantes se obtinha com um esforço de penetração ou à custa da violência ou sugestão, vencendo resistências, hoje obtém-se praticamente sem qualquer oposição válida e eficaz.

3

Mas cada homem é uma fortaleza de egoísmo: reconhece talvez a custo as suas limitações, e propende fatalmente a reme-

diá-las. E então, pela força e imposição dos seus próprios interesses, enraizados num fundo comum de identidade característica do racional, ele agrupa-se, entende-se, condiciona-se para se realizar: como a grande organização sociológica que é a célula, como a espantosa fonte de energia, de coesão e destruição que é o átomo.

Assim, tudo converge nele para uma consciência cada vez mais clara de limites, que será afinal um estado de cultura, para uma posição melhor perante a vida pelo esforço de compreensão e domínio — sobretudo no mundo íntimo; para um sentido mais aberto de liberdade que, no dizer de Espinoza, será precisamente a consciência das limitações inevitáveis.

Não lhe custará observar que as linhas de separação, rígidas, inflexíveis, ondulam e cedem ante as realidades presentes.

4

As fronteiras militares praticamente deixam de existir com as facilidades de ataque e destruição ao dispor dos exércitos. Nem é preciso *ir* o homem: este despede um míssil do fundo dos mares ou das entranhas da terra, quando não o manda por um satélite levar a morte e o aniquilamento.

5

As geográficas valem na medida em que definem interesses reais, de cultura e língua. Mas essas mesmo aparecem hoje fortemente atenuadas, quer pelas facilidades de trânsito, quer pela constante movimentação dos povos ao encontro uns dos outros, movidos por curiosidade turística ou de ordem cultural.

6

As economias propendem também a enfraquecer, constituindo prova interessante os vários agrupamentos de estados e mercados, visando a eliminação de algumas barreiras no interesse dos parceiros. E é de notar que, mal nascido ainda o Mercado Comum, já há sinais de entendimento próximo ou remoto com os eventuais opositores.

No mundo monetário, a diferenciação mostra-se fortemente abalada pelos sucessivos desajustamentos da economia e da finança, pelos desastrosos efeitos de alguns expedientes, não sendo audacioso admitir que venha a encontrar-se uma solução política para o problema, como pretende Edgar Faure, sem comprometer a solução técnica propugnada por Jacques Rueff.

7

Estes sinais, apontados apressadamente e um pouco ao acaso, bastarão a demonstrar, ou pelo menos a deixar entrever que a fronteira, como linha de separação, perdeu hoje o carácter de rigidez que já teve, mercê das circunstâncias que impõem a necessidade da sua revisão.

Como observou alguém, teremos razões para admitir, nas fronteiras do usual, a existência de poderes mal conhecidos que nos darão em certos momentos acesso a um mundo diferente das nossas percepções e acções quotidianas. Crê-se que não será um mundo de separação, mas antes de harmonia por virtude da própria vida.

E talvez seja de admitir que a longa caminhada do homem no tempo se dê entre o instinto bruto e o instinto consciencializado; entre o instinto quase desligado da razão e o mesmo instinto dela tão próximo que venha realmente a tornar possível, no grande plano da humanidade, a força virgem do ser animal e o imperativo da consciência — fundidos num egoísmo esclarecido e vitalmente certo.

O ADVOGADO NA VIDA SOCIAL

1

Com este apontamento sobre o homem perante a vida, incompleto e deficiente, pretendeu-se abrir o panorama social de hoje, em que se define o Direito e o Advogado actua.

Ele é, por definição vocabular, o que dá a sua voz, o que defende e patrocina o interesse e a razão daquele que se lhe entrega, confiante. É, em princípio, o que pela força mesmo da sua posição, realiza um acto de solidariedade humana que, nem por ser individualizado, deixa de radicar-se no mais profundo do ser: apazigua pela consecução da justiça como verdade e como razão.

Buscando-se a tradição da advocacia, ela vai encontrar-se nas velhas idades do Homem, e aponta-se episodicamente Péricles como um dos primeiros advogados profissionais. Surgem na Idade Média como defensores da ordem religiosa e das cidades, e mesmo para o processo de canonização — que será o apuramento e consagração das virtudes excepcionais — a Igreja não dispensa o Advogado do Diabo, propugnador da verdade contra a aparênciã enganadora. Este sentido da *qualidade*, da função, da profissão, não perde relevo e altitude, embora às vezes desvirtuada por trapaças, enredos ou habilidades. Como em tudo, há a excepção, o trãnsfuga e oportunista.

2

Como se impõe ao médico o estudo da natureza para corrigir desvios, perturbações ou gastos, ao advogado exige-se o conhecimento do homem para o integrar em si mesmo, na sua razão de existência. Isto virá a ser o Direito. Da realidade à profissão irá uma distância semelhante à que separa a doença da medicina, da observação e da arte de curar.

Carece de percepção nítida do que separa os homens e também do que os pode aproximar mais; dos seus males ou vícios e das suas virtudes. Daí, a noção *viva* da linha de separação e, no alcance específico e rigoroso, da fronteira. Não será a desindividualização dos homens e dos povos; mas o reconhecimento de que ela não deve dividir e opor, antes conjugar e harmonizar pela valorização dos elementos úteis ao todo universal, que exige diferenciação consciente.

Se buscarmos o sentido da palavra, talvez se lhe encontre uma extensão e uma profundidade que não se atingem plenamente, mas dão em certos momentos acesso a um mundo diferente das nossas acções e percepções quotidianas.

Teremos de reconhecer que, à medida em que vai tomando consciência, o homem, pela força mesma da sua integração na *corrente*, será levado a ver nela, como uma essência, não o que o separa rigidamente, mas o que, diferenciando, conjuga e une — em solidariedade humana.

3

Ao advogado, com a vivência do Direito e sua aplicação, levado à intimidade do homem, caberá dar voz, como profissional e como cidadão, para o tornar senhor, o mais possível, de um sentimento de segurança que o leve a olhar o semelhante não como inimigo, adversário irreversível do seu interesse, mas como aquele seu irmão na virtude e no vício, *com quem tem de viver*.

Dir-se-á: isto é ideal.

Como realizá-lo? Como torná-lo simplesmente possível?

Muito do que hoje é comum foi já ideal longínquo. Cada um, na sua esfera de acção e no mundo íntimo em que aparecem a nu as almas e as intenções, que responda a si mesmo.

E, com a consciência do que a si mesmo deve, estará habilitado a saber como deve proceder.

Não é um sacerdotício, miragem de caminhante no deserto ou anseio de sonhador: é acção consciente, uma posição perante a vida.

CONCLUSÕES

- a) a consciência do Direito, muito chegada à sua raiz natural, leva à compreensão do homem com as suas virtualidades de construção e de morte — com o seu egoísmo;
- b) este, porém, condu-lo, pela razão esclarecedora e pela força mesma da continuidade — que é a vida — à percepção do *conveniente social e moral*;
- c) tornar mais evidente essa força e essa razão deverá ser função do Advogado, dadas as especiais condições em que trabalha; mais do que um confessor ou confidente, ele é o defensor da causa justa e o revelador do homem ao homem.